



A. H. AMARAL

ANTONIO HENRIQUE AMARAL

GALERIA COPACABANA PALACE

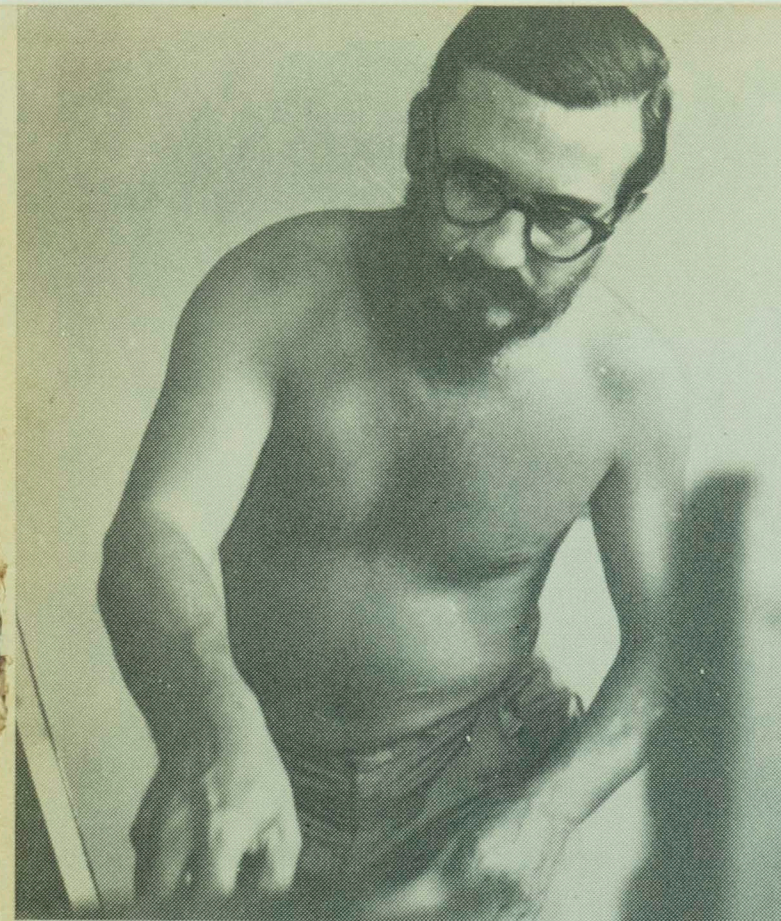
23 de setembro de 1969

# “BRASILIANAS”

inauguração em 23 de setembro às 21 hs.

GALERIA COPACABANA PALACE

av. copacabana, 291 - entrada pela portaria do teatro



Innan,  
Conta co vocô,  
e agnêbe aluano!  
Antonio Henrique Amaral

ANTONIO HENRIQUE AMARAL nasceu em 1935 em São Paulo

#### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1958 — Museu de Arte Moderna de São Paulo — Instituto de Arte Moderna de Santiago, Chile
- 1959 — Universidade de Concepcion, Chile — Panamerican Union, Washington, USA
  - Galeria Antigonovo, São Paulo
- 1960 — Petite Galerie, Rio de Janeiro
- 1963 — Galeria Saber Vivir, Buenos Aires — Galeria Mobilinea, São Paulo
- 1967 — Galeria Astréia, São Paulo
  - Neste ano lança seu álbum de xilogravuras a cores “O Meu e o Seu”
- 1968 — A.A.M.A.M., São Paulo

#### EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 5.º, 6.º, 7.º e 9.º Bienal de São Paulo — 23.º Salão de Verão de Viña del Mar, Chile, 1959
- 1.º e 2.º Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia, 1966-1969
- 1.º Certame Latino-Americano de Xilografia de Buenos Aires, 1962
- Brazilian Art Today, Londres, 1964
- Jovem Arte Brasileira do Museu de Arte Contemporânea da USP
- Brasilianische Kunst Heute — Bonn, April-Mai, 1966, Alemanha
- Exposição Internacional de Gravura “La Habana”, 1967-1968
- III Bienal Americana de Grabado, Chile, 1968
- Salões de São Paulo, Rio, Paraná, Minas Gerais, Brasília

#### PRÊMIOS

- |   |  |        |
|---|--|--------|
| — Medalha de Bronze   | — Salão Paulista de Arte Moderna         | — 1958 |
| — Medalha de Prata  | — Salão Paulista de Arte Moderna         | — 1962 |
| — Prêmio de Aquisição   | — Salão Paulista de Arte Moderna         | — 1963 |
| — Prêmio de Aquisição   | — Salão de Belas Artes do Paraná         | — 1962 |
| — Medalha de Prata  | — Salão de Belas Artes do Paraná         | — 1962 |
| — Prêmio de Aquisição   | — I Bienal da Bahia                      | — 1966 |
| — Prêmio de Aquisição   | — Salão de Belas Artes do Paraná         | — 1967 |
| — Menção Honrosa na Exposição Internacional de Gravura “La Habana 67”, Cuba | — Salão Nacional de Arte Moderna, Rio    | — 1967 |
| — Isenção de Júri   | — III Bienal Americana de Grabado, Chile | — 1968 |
| — Menção Honrosa  | — Salão de Arte Moderna de São Caetano   | — 1968 |
| — 1.º Prêmio de Pintura   | — Salão Paulista de Arte Moderna         | — 1968 |
| — Medalha de Ouro   | — Salão de Arte Moderna de Campinas      | — 1968 |
| — 1.º Prêmio de Pintura   | — Salão de Arte Moderna de Santos        | — 1968 |
| — Prêmio Câmara Municipal   | — Salão de Arte Paranaense               | — 1968 |
| — 1.º Prêmio de Pintura   |  |        |

Antonio Henrique Amaral pertence àquela família de artistas para os quais a arte não pode ser o mero exercício da sensibilidade nem apenas a organização de uma "linguagem" ou de uma "sintaxe" que lhe permita, a partir daí, falar coerentemente do mundo. Acredito que o encontro dessa linguagem não esteja fora de suas cogitações mas, ao que me parece, ela resultará de uma preocupação que lhe é anterior: a preocupação de compreender o mundo, de organizá-lo em linguagem.

Acentuo êsse aspecto básico do trabalho de Antonio Henrique Amaral, não só por considerá-lo imprescindível para compreender sua arte, como também para situá-lo no momento em que se observa em muitos artistas a tendência a abandonar semelhante preocupação. O uso de recursos técnicos novos, a utilização de processos mecânicos ou eletrônicos refletem êsse desinteresse. Não condeno tais experiências. Considero-as, não obstante, expressões primitivas de uma arte que, ao amadurecer, terá fatalmente de superar seu atual "naturalismo" para reencontrar a problemática do homem.

O formalismo, estático ou dinâmico, mecânico ou eletrônico, é ainda arte menor porque retira da arte o caráter particular que a define. A novidade dos meios quer aí se substituir à novidade da expressão artística propriamente dita que, como todo novo, não é novidade integral: é uma forma particular que a realidade toma no processo dialético do velho e do novo.

Estas obras que Antonio Henrique Amaral nos mostra, agora, não são novidade integral (onde existirá isso?). Pelo contrário, podemos objetivamente situá-las no quadro de suas próprias procuras eno âmbito da realidade brasileira — nacional e internacional — que vivemos. Elas decorrem, formal e tematicamente, tanto das "bôcas" que êle expôs na última Bienal como das gravuras de seu álbum "O meu e o seu". E decorrem, também, do que aconteceu, em São Paulo, no Brasil, no plano artístico, cultural e político. Não me demorarei em demonstrá-lo: quem viveu entre nós êstes últimos anos constatará fàcilmente o que digo. E essa constatação será tanto mais fácil se nos lembrarmos de outros artistas em cuja obra nada disso se reflete, como se nada houvesse acontecido. Essa diferença não condena um nem redime o outro, mas os situa. Do meu ponto de vista, parcial e comprometido com a realidade brasileira, vejo no trabalho de Antonio Henrique Amaral importante contribuição.

Estas obras são, para seu autor, um avanço, tanto formal quanto temático. Nestes quadros, a expressão encontra formas menos explícitas e, por isso mesmo, mais despojadas e mais densas, às vêzes de extraordinária intensidade. Tal contenção e tal riqueza implícita resultam de (e determinam) uma superação maior do individualismo, da subjetividade: maior equilíbrio entre os conteúdos pessoais e coletivos.

"...tôda reprodução de uma paisagem possui uma entonação fundamental que lhe dá unidade, na qual se exprime — mesmo que de um modo frequentemente muito complicado — uma atitude de aprovação ou de negação para com a realidade, para com determinadas tendências que nela operam."

GEORG LUKÁCS

"brasileira rio 1"

